

Integrar esses aspectos indesejados de nós mesmos, aos quais Jung chamava de “a sombra”, é o trabalho principal da psicoterapia. Indiscutivelmente, muitas vezes é depressivo olhar para a nossa sombra, mas a chance de nos renovarmos está naquilo que rejeitamos em nós mesmos. Além disso, a sombra também tem um aspecto positivo: o nosso potencial não-utilizado.

NOTAS

1. Miquéias 6:8.
2. Leon Tolstói, *War and Peace*, livro 14, cap. 12.
3. “Foreword to Suzuki’s *Introduction to Zen Buddhism*”, CW 11, par. 905.
4. “On Compensation”, in *Essays*, p. 101.
5. *Ibid.*, p. 113.
6. Mateus 13:12, JB.
7. “On Compensation”, in *Essays*, p. 104.
8. Mateus 19:24, RSV.
9. Mateus 5:3-12, RSV. Ver Edward F. Edinger, *Ego and Archetype*, pp. 136ss, para uma esclarecedora interpretação das Bem-aventuranças no nível subjetivo.
10. Últimas palavras de Ibsen.
11. Êxodo 19:6, RSV.
12. Êxodo 4:24-25, RSV.
13. Números 22.
14. Mateus 19:22, JB.
15. “Adaptation, Individuation, Collectivity”, *The Symbolic Life*, CW 18, par. 1096.
16. Mateus 6:24, Lucas 16:13.
17. “On Compensation”, in *Essays*, pp. 113-114.
18. Isaías 53:2-4, RSV.
19. “The Tavistock Lectures”, *The Symbolic Life*, CW 18, par. 168.

6

A Necessidade de um Significado

O homem não pode suportar uma vida sem significado.
C.G. Jung, “Face-to-Face: The BBC Interviews”.

O significado não tem existência objetiva — ele desponta do mundo interior. Como toda experiência subjetiva (com a possível exceção do amor), ele tem sido desvalorizado nesta nossa era racionalista e materialista. Ele é invisível, intangível e não pode ser estabelecido objetivamente. O máximo que podemos dizer é que, para viver bem, temos necessidade de pensar que nossas vidas têm um significado, embora não possamos dizer por quê. A religião nos revelava outrora o significado de nossas vidas. Para algumas pessoas, esse papel cabe agora à psicologia profunda.

Dizer que nossas aspirações espirituais não passam de anseios infantis, como fazem certas pessoas, nos diminui. Nos primeiros tempos, Jung tinha muita coisa em comum com Freud; distanciou-se dele, entretanto, por sustentar que a necessidade de um significado — incluindo a reflexão e a religião — era um instinto primário do indivíduo, certamente tão importante quanto a de alimento ou de sexo, e que Deus não pode ser reduzido a uma imagem deslocada do pai ou da mãe.

Quando meu pai e minha mãe me desampararem, o Senhor me reerguerá.¹

Observe-se que na passagem está escrito “quando” e não “se”, o que significa que nossos pais sempre falham com relação a nós, completa e decisivamente. Por que há de ser assim? Porque eles são seres humanos limitados; e pela mesma razão que nos levará, também a nós, a trair nossos filhos. (Incidentalmente, a experiência da paternidade nos ajuda a compreender e a perdoar nossos pais.)

A passagem das Escrituras diz, então, que nós todos somos filhos desamparados e que o Senhor nos reerguerá. Em termos psicológicos, isso significa que o instinto para a totalidade nos servirá de guia, desde que estabeleçamos uma conexão com ele. Como? Mediante a cuidadosa consideração da nossa experiência, do exame, tanto da nossa experiência exterior como da interior, feito com atitude reverente e humilde. Em outras palavras, podemos manter uma conexão com Deus, com o Self, com